

ASCOM Entrevista: Fernando Ferreira Carneiro

Docente da UnB e um dos organizadores do livro "Campo, Floresta e Águas: práticas e saberes em saúde" 06 de Dezembro de 2017 , 0:05

Na última sexta-feira (01), a **Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG)**, recebeu o lançamento do livro "**Campo, Floresta e Águas: práticas e saberes em saúde**", durante atividade das "**Oficinas de Vigilância e Promoção à Saúde em Áreas de Reforma Agrária**", promovida pela instituição.

Na oportunidade, a **Assessoria de Comunicação Social da ESP-MG** conversou com um dos organizadores da publicação, **Fernando Ferreira Carneiro***, que é coordenador do **Observatório da Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas (Obteia)** sobre as experiências desse projeto realizado coletivamente por pesquisadores populares e acadêmicos, movimentos sociais e instituições de ensino de todo o país. Confira!



Fernando, na ESP-MG, na mesa redonda "Trabalho, Saúde e Ambiente: desafios e compromissos na formação e atuação no SUS"

Como surgiu a ideia do livro?

O livro é resultado de seis anos de pesquisas realizadas pelo Obteia. O projeto foi financiado pelo Ministério da Saúde e executado pelo Núcleo de Saúde Pública da Universidade de Brasília (UnB)a, em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz do Ceará. O objeto desse livro tem a ver com a **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas (PNSIPCF)** e um dos eixos dessa política é a avaliação em monitoramento.

Como foi o processo de produção?

Realizamos avaliações e monitoramentos por meio de pesquisas com movimentos sociais, universidades de todo o país, em nove territórios, nas cinco grandes regiões do Brasil. Começamos na Ilha do Marajó/PA, onde temos o pior IDH do Brasil, chegando até o Rio Grande do Sul, em uma área de assentamento do Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Quem foram os parceiros nessa pesquisa?

Cerca de dez movimentos sociais participaram, o MST, o Conselho Nacional das Populações Extrativistas, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, a Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar do Brasil, o Conselho Nacional de Entidades Quilombolas entre outros. Para cada território se estabeleceu uma parceria entre uma universidade e um movimento social, um pesquisador popular e um acadêmico, que por meio de métodos de pesquisa participativas e dialógicas, buscaram trabalhar como essa Política se realizava no território.

O livro é um esforço de 69 autores, envolvendo acadêmicos, movimentos sociais e profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, 20 revisores acadêmicos e populares, buscando inovar não só na parceria na execução da pesquisa, mas na elaboração do livro.

Qual foi o grande desafio na produção da obra?

Primeiro foi realizar a pesquisa, pois não se tem uma cultura de avaliação de políticas no Brasil, principalmente a partir de pesquisas mais rigorosas e com o financiamento do próprio governo, tendo a gestão certo receio pela pesquisa poder mostrar muitos problemas. O segundo desafio é o campo científico, de como fazer uma pesquisa de referencial participativo e de ação, já que a maioria das pesquisas realizadas são extrativas, em que os pesquisadores vão no território recolhem a informação e não há uma devolução. **A nossa proposta foi fazer uma pesquisa em que as pessoas fazem com, não para e não sobre as pessoas, e isso não é uma linha hegemônica da ciência moderna.**



Fotos: Sílvia Amâncio

Esse protagonismo das pessoas na pesquisa foi um dificultador?

A verdade é que não somos formados nem preparados para fazer pesquisa participativa, e inclusive, na academia há um preconceito, como se fosse uma pesquisa de segunda categoria ou como se não fosse ciência. **Muitas vezes nós temos um discurso muito revolucionário, mas na hora de colocarmos em prática é difícil.** Envolver 69 autores, movimentos sociais, a publicação em uma editora de uma universidade foi difícil. Imagine uma pescadora na Ilha da Maré (Salvador/BA), um extrativista na Ilha do Marajó receber e conseguir imprimir um termo de referência, assinar e enviar pelos Correios... Só nesse processo precisamos de um ano.

O livro é dedicado a quem?

Esse livro se dedica a vários atores, **aos trabalhadores do SUS**, em que sua grande maioria desconhece a Política, desconhece que as populações precisam de um olhar diferenciado, específico, cuidadoso. Ele também é direcionado aos movimentos sociais para que saibam que eles têm direitos e que muitas vezes ficam só no papel e não viram realidade. E também para academia, porque o próprio conceito campo, florestas e águas não é um conceito acadêmico, na academia você tem população rural. Esse é um conceito que foi formulado pelos movimentos e está sendo permanentemente construído e é uma grande oportunidade de elaboração conjunta e um conhecimento potente capaz de realizar as mudanças que essas comunidades precisam que ocorram para que realmente tenham seu **direito à saúde**.

E quem são essas populações?

É uma face oculta de um grupo que parece ser apenas 20% da população brasileira, mas se começarmos a olhar por outro lado, temos 50% a 60% dos municípios do Brasil de porte pequeno, com características quase que rurais. **O que usualmente é chamado de rural, nós chamamos de campo, floresta e águas e é muito maior do que se imagina e ele está invisibilizado, ausente em termos de prioridade das políticas públicas.**

Qual a mensagem central do livro?

Esse livro é uma oportunidade para você navegar de **Norte a Sul pelo Brasil**, descobrir uma população que ainda é invisibilizada pelos sistemas nacionais de informação, pelas políticas públicas e é uma nova dimensão que pode se abrir, principalmente para quem está estudando e se formando no campo da saúde. Uma das grandes demandas que essas comunidades expressam e vocalizam é a **visibilidade, a existência**.

A **Biblioteca da ESP-MG** (Unidade Sede) conta com um exemplar do livro “Campo, Floresta e Águas: práticas e saberes em saúde”, para consulta e empréstimo.



***Graduado em Ciências Biológicas, mestre em Saúde Ambiental, doutor em Epidemiologia e pós-doutor em Sociologia (Universidade de Coimbra/Portugal). Docente do Núcleo de Estudos de Saúde Pública da UnB e membro do grupo de trabalho de Saúde e Ambiente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO).**

Por Ayrá Sol Soares (Estagiária de Jornalismo - ASCOM/ESP-MG)

[Enviar para impressão](#)